

# Museus e Público Jovem: percepções e receptividades

Mário de Souza Chagas  
Denise Coelho Studart  
Ana Carolina Maciel Vieira  
Ana Carolina Gelmini de Faria  
Ana Luiza Amaral  
Paula Nunes Costa  
Newton Fabiano Soares\*

## 1 Introdução

*“Eu vejo o museu como um lugar cultural, onde aprendemos coisas que aconteceu ao longo de nossa história, como uma fonte de conhecimento, uma fonte de sabedoria, uma fonte de pesquisas, um patrimônio histórico e cultural” [sic]<sup>1</sup>*

O museu pode ser compreendido como instituição cultural e tecnologia social capaz de ressignificar a herança cultural<sup>2</sup> e colocar em evidência ou mesmo em confronto narrativas, discursos e interpretações distintas. O museu também pode ser compreendido como espaço de socialização ou ambiente que possibilita intensa interação social. Experiências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas podem ser vivenciadas nos museus que, a rigor, são espaços que propiciam a relação entre os bens culturais e os seres humanos, aqui compreendidos como público.

Perceber e tentar compreender como se dá, na prática, a relação entre público e museu e que tipo de comunicação se estabelece entre eles não é uma tarefa simples. Um dos campos de estudo desta relação é a pesquisa de público e como muitos pesquisadores já reconhecem:

*a temática voltada para a relação público-museu vem ganhando amplo espaço em fóruns de discussão e publicações das áreas das ciências sociais, bem como tem se diversificado em interesses que abarcam inúmeros aspectos, desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos, estes igualmente desdobrados segundo gênero, idade, formação e procedência, entre outros (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p. 184).*

\* Equipe de redação do artigo: **Mário Chagas** (coordenador do projeto), professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos da Unirio e diretor do Departamento de Processos Museais do Ibram, **Denise Studart** (coordenadora adjunta do projeto) pesquisadora doutora do Museu da Vida /COC / Fiocruz, e recém-graduados e estudantes (todos voluntários) oriundos do curso de museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio): **Ana Carolina Gelmini de Faria**, **Ana Carolina Maciel Vieira**, **Ana Luiza Amaral**, **Newton Fabiano Soares** e **Paula Nunes Costa**. Do projeto de pesquisa participaram também os seguintes estudantes voluntários: **Ana Carolina Silva Paulo**, **Clarissa Leite Ferreira**, **Lucas Lopes**, **Maira de Oliveira Dias**, **Mariana Estelita Lins**, **Morgana Eneile**, **Pablo de Oliveira** e **Rita Gama**.

1 Trecho da redação de uma estudante de 11 anos, do 6º ano do Colégio Imaculada da Conceição, moradora do bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. A redação se refere à pergunta “Como você vê o museu?”.

2 Tendo em conta que a relação do ser humano com a natureza é uma relação cultural, neste artigo compreendemos que o patrimônio natural está inserido no patrimônio cultural.

Segundo Studart, Almeida e Valente (2003, p.136-138) os “estudos de público” são basicamente de dois tipos:

- a. avaliação - partes integrantes dos processos de exposições e atividades educativo-culturais;
- b. investigação - estudos teóricos e acadêmicos que buscam conhecer o público visitante e o não-visitante, os padrões de comportamento e as formas de interação de diferentes grupos com o museu, além dos estudos de motivações, ganhos cognitivos e afetivos e outros.

Em 1987, Chagas realizou uma pesquisa de opinião em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de compreender de que modo os transeuntes urbanos percebiam as instituições museais<sup>3</sup>. Essa iniciativa possibilitou traçar um panorama das imagens que, de modo geral, as pessoas associavam ao termo museu. Os pedestres transeuntes eram entrevistados aleatoriamente na rua e solicitados a responder o que lhes vinha a mente quando se falava a palavra “museu”. O resultado mostrou que a imagem mais difundida no imaginário social dos respondentes estava ligada à idéia de museu como “coisa velha, coisa antiga”. Chagas chamou a atenção, na época, para o fato de que:

*[...] hoje em dia virou ‘modismo museológico’ a afirmação de que museu não é uma instituição estática ou morta, de que o museu depósito, o museu quinquilharia, está superado. No entanto, as respostas que encontramos indicam de forma clara que o público potencial do museu continua associando-o aos elementos do passado, a palavras como: múmia, dinossauro, velharia, coisa velha, coisa antiga, etc. No mínimo, está havendo um ruído de comunicação entre o museu e o seu público, ou então o discurso da moda, o discurso do ativismo e do dinamismo é impostor (CHAGAS, 1987, p.82).*

Passados mais de vinte anos será que os museus realmente mudaram? Será que a percepção do público sobre o museu mudou ou permanece a mesma?

Estimulados, pesquisadores do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU/IPHAN), atual Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e estudantes de Museologia e Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - com a colaboração da pesquisadora Denise Studart do Museu da Vida (MV/COC/FIOCRUZ) -, iniciaram uma série de investigações sobre o lugar dos museus no imaginário social<sup>4</sup>. O tema, considerado estratégico, favorece a melhor compreensão da relação dos museus com diferentes públicos<sup>5</sup>. No presente estudo, o público adolescente recebe especial atenção. A investigação aqui apresentada contribui para a identificação de possíveis barreiras ao amplo acesso aos museus e, por isso mesmo, poderá ter alguma serventia para projetos e processos museais que tenham como objetivo a democratização do acesso aos museus<sup>6</sup>.

A pesquisa em tela faz parte de um conjunto de estudos denominado “As Imagens dos Museus” e foi concebida em 2006, em diálogo com a temática proposta pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) nesse mesmo ano, denominada “Museus e Público Jovem”. O projeto enfrentou adversidades, foi iniciado, interrompido e retomado algumas vezes. A constituição de equipes voluntárias impôs ritmos muito diferentes, além disso, a autorização dos Conselhos Regionais de Educação para a entrada dos pesquisadores nas escolas não foi um processo simples.

O objetivo central do projeto foi o de investigar os imaginários sociais dos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em relação ao museu (tanto estudantes que já visitaram museus quanto os que nunca os visitaram) e analisar as suas percepções e representações sobre o espaço museal, especialmente no que se refere às linhas de agenciamento que vinculam os museus às dimensões culturais, patrimoniais e educativas.

Os pesquisadores que assinam esse artigo estão convencidos de que esta pesquisa situa-se num campo pouco explorado na Museologia brasileira e poderá contribuir, ainda que modestamente, para a compreensão do lugar do museu no imaginário social dos jovens contemporâneos.

3 A pesquisa denominada: “Museu: Coisa Velha, Coisa Antiga”, foi realizada por estudantes matriculados na disciplina Introdução à Teoria Museológica do Curso de Museologia da UNIRIO, 1987. Mais informações ver CHAGAS, 1987.

4 Sobre a Imagem dos Museus ver também os livros “Museália” (1994), “Há uma gota de sangue em cada museu” (2007) e “A Imaginação Museal” (2009).

5 Denominamos “público atual” ao público frequentador de museus e “público potencial” ao público que, em tese, pode vir a frequentar os museus.

6 Equipe inicial do projeto “Imagens do Museu”: Carolina Duarte de Oliveira, Juliana Gomes Ferreira, Maíra de Oliveira Dias, Mario de Souza Chagas, Morgana Eneile, Newton Fabiano Soares, Pablo Oliveira e Rita Gama.

## 2 A pesquisa e seus meandros

A imagem dos museus entre os adolescentes constitui o núcleo dessa pesquisa. Os grandes parceiros desse trabalho são estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares de diferentes bairros do Rio de Janeiro, a saber: duas escolas na zona sul, situadas nos bairros Urca (Escola Municipal Minas Gerais) e Botafogo (Colégio Imaculada Conceição); uma escola na zona norte, no bairro Pilares (Escola Municipal Engenheiro Roberto Magno de Carvalho) e uma escola na zona oeste, localizada em Santa Cruz (Escola Municipal Fernando de Azevedo). Por meio de redações e desenhos eles possibilitaram a existência concreta dessa pesquisa, sem eles nada poderia ter sido feito. O material coletado é amplo e poderá dar origem a outros estudos. O presente artigo, no entanto, tem como foco os desenhos<sup>7</sup>.

A equipe de pesquisadores, conforme carta entregue à direção das escolas, solicitou a presença de um professor para acompanhar os trabalhos e que a escola não abordasse previamente o tema com os estudantes. Essa segunda solicitação objetivava evitar, na medida do possível, a interferência e a contaminação das percepções juvenis. A equipe também contava com a presença de uma estudante do curso de Pedagogia que contribuía para a condução dos trabalhos nas salas de aula.

A investigação ancorou-se num formulário com duas perguntas: “Como você vê o Museu?” e “Você já foi ao museu?” A primeira pergunta poderia ser respondida por meio de desenho ou de redação e a segunda por meio de respostas simples e objetivas (sim ou não). Além dessas duas perguntas, outros dados foram solicitados, tais como: escola, série ou ano escolar, idade, sexo e bairro de residência.

Os desenhos coletados tornaram-se rico material de estudo, importante ferramenta de comunicação visual valorizada em estudos de imaginários. Pode-se mesmo dizer que os jovens utilizaram esses desenhos para expressar seus pensamentos, sua maneira de ver o mundo e suas emoções. Como sugere Studart (2008, p.19), desenhos e textos, quando espontâneos, podem revelar percepções e visões particulares da vida do indivíduo em suas dimensões subjetiva e objetiva.

Ao utilizar a análise de imagem, como ferramenta de investigação capaz de explicitar visões e percepções que o público jovem tem sobre o museu, o presente estudo compreende que

*(...) diferentes aspectos (cognitivo, afetivo, social) da experiência museal podem ser explorados nos desenhos de crianças, além de oferecerem revelações importantes sobre questões relacionadas à comunicação e educação em museus (STUDART, 2008, p. 26).*

Baseando-se em análises realizadas por Penn (2002, p. 335), que indicam que a imagem “tem como objetivo uma colocação unificada do sentido subjacente, (...) reduzindo uma complexidade enorme a umas poucas dimensões abstratas”, buscou-se nos desenhos evidências de elementos que sugerissem categorias autônomas. Rossi (2003, p.37) salienta que a análise de imagem consiste numa ‘rede de relações de intencionalidades’, pois engloba o que foi representado (a “coisa”), a mente do ‘produtor’ (que intencionalmente representa a “coisa” através do desenho) e a mente do ‘leitor’ (a pessoa que intencionalmente busca a compreensão da imagem).

Considerando essa “rede de relações de intencionalidades”, Joly (1996, p.44) observa que a análise de imagens enfrenta também determinados limites, já que, na maioria das vezes, não é possível trabalhar com as intenções do autor, mas apenas com o seu produto, com a matéria trabalhada por ele. Além disso, “o próprio autor não domina toda a significação da imagem que produz”. Segundo Barthes, a imagem não é dada em si, mas depende do predomínio de determinados códigos para ser lida ou traduzida de uma outra maneira, ou até mesmo para ser considerada ilegível (*apud* CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 403).

Embora não seja possível uma avaliação neutra de imagens ou de outros dados produzidos pelos seres humanos, especialmente em virtude de sua natureza simbólica, um dos métodos utilizados na pesquisa *Imagens dos Museus* foi o constante diálogo, entre os diversos atores do projeto, visando à troca de impressões e opiniões. Para Joly, (1996, p. 51) esse diálogo e busca são imprescindíveis e fazem parte do esforço de afastar imprecisões impressionistas pessoais e coletivas.

<sup>7</sup> Para mais informações sobre o material coletado em forma de redação veja CHAGAS, *et. al.* (2009).

### 3 Os museus e o público jovem

Traçar um perfil da percepção social sobre os museus é um grande exercício analítico, mesmo refinando este estudo a uma parcela específica, como o público juvenil. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) define “adolescente” como o período compreendido entre 12 a 18 anos, que engloba a maior parte dos participantes desta pesquisa.

Para Cazelli (2005, p. 32), se do ponto de vista demográfico os jovens são, principalmente, um grupo populacional que corresponde a uma determinada faixa etária, em outras perspectivas é difícil pensá-los como uma categoria homogênea, pois fatores como experiências de vida e até mesmo o projeto político-pedagógico da escola influenciam e propiciam receptividades ricas e plurais destes jovens com o mundo. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/UNESCO, ao levar em consideração diversas circunstâncias particulares, identifica como “jovens” um conjunto de pessoas de idades variáveis que não pode ser tratado com começo e fim rígidos (CAZELLI, 2005, p. 32).

O público jovem é um público desafiador. Nesse sentido, a UNESCO vem incentivando pesquisas sistemáticas que possam abarcar a totalidade da temática “juventudes”, a qual busca investigar a construção de identidade desta faixa etária, atualmente priorizando na América Latina pesquisas com enfoques sociológicos e culturais.

A pesquisa “*O Perfil da Juventude Brasileira*”, iniciativa do Projeto Juventude/ Instituto Cidadania com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do SEBRAE, realizou entre novembro e dezembro de 2003, entrevistas com 3.501 jovens de 15 a 24 anos, em 198 municípios, contemplando 25 estados do país, mais o Distrito Federal, e verificou que os pertencentes a esses setores são os “*excluídos da cultura*”, resultados relativos às práticas culturais classificadas como expressões da cultura cultivada: ida a concerto de música clássica, balé/espetáculo de dança, museu, teatro, cinema e biblioteca fora da escola. O estudo chama a atenção, que 69% dos jovens entrevistados nunca visitaram um museu, confirmando assim a baixa acessibilidade dos jovens brasileiros a eventos da cultura clássica, ratificando que, além da desigualdade material, há uma desigualdade no acesso a bens simbólicos (ABRAMO; BRANCO apud CAZELLI, 2005, p. 34-35).

As diversas instituições museológicas na atualidade debatem a importância de sua comunicação com o público, pois sabem que a sociedade é a peça chave para os museus, agentes que lhe dão sentido e vigor enquanto espaço de trocas e aprendizados. Comunicar significa segundo Cury (2007), levar o público para dentro do museu e estimulá-lo a ser um intenso contribuinte em torno da discussão sobre o significado do patrimônio cultural. Sua presença pela presença não deve bastar mais nem para si, nem para a instituição:

*(...) a participação no processo de (re) significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu, e indivíduo exercendo a democracia (CURY, 2007, p. 79).*

A proposta do museu enquanto espaço dialógico, reflexivo, crítico e construtivo é uma tendência estimulada pelas políticas públicas no Brasil (POLÍTICA, 2003), mas esta relação, em especial com o público jovem via visita escolar é instigada recentemente: ainda na década de 1950, muitos compreendiam o museu como uma extensão da escola, local de exercícios e avaliações de disciplinas, sendo estas funções amplamente questionadas e debatidas somente a partir de debates acadêmicos como o I Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p.11).

Segundo Almeida, a percepção do museu enquanto “extensão da educação formal”, com visitas “obrigatórias” de escolas a museus, poderia contribuir para a construção de um imaginário social pouco caloroso a respeito desses espaços entre os jovens, caso essas visitas não fossem devidamente planejadas e incluídas numa estratégia orgânica de trabalho museu-escola:

*(...) as estratégias neste sentido estiveram muito centradas na idéia do museu como extensão da escola, premissa que se tornou lugar-comum nas práticas museais. O tempo mostrou que o modelo “visita escolar obrigatória” não era suficiente para aproximar os jovens e torná-los freqüentadores. Paradoxalmente este modelo poderia mesmo afastá-los, produzir desconfiança e desapego, desde que as condições da visita não fossem estimulantes e inclusivas (ALMEIDA, 2006, s/ página).*

A fim de investigar essa relação museu-escola, o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) desenvolveu em 1996 um estudo com escolas, tendo por enfoque o docente. Os resultados da pesquisa apontaram que os professores não percebiam o museu como espaço de ampliação da cultura, mas como um espaço proveitoso para (a) “complementar a escola contribuindo para melhor sedimentação dos conteúdos trabalhados”; (b) “motivar os estudantes para a posterior abordagem de diferentes conteúdos programáticos”; (c) compensar a carência de recursos didáticos e laboratoriais da escola”; (d) “oportunizar uma relação teoria e prática” (CAZELLI et al., apud STUDART; ALMEIDA; VALENTE, 2003). Esta pesquisa revela uma percepção dos docentes a respeito do museu como um “suporte para o ensino realizado nas escolas”, e não tanto como um espaço onde novas descobertas e reflexões podem acontecer, estimulando inclusive a criatividade e ampliando as visões de mundo.

Porém, diferentes formas e usos do museu são explorados na atualidade, apontando relações entre a sociedade e museu cada vez mais profundas. O homem percebe a potencialidade de comunicação destes espaços e sua influência como instrumento social. Há um gradativo reconhecimento de que os museus fazem parte de nossos hábitos, para além das instituições, como comportamento e fenômeno:

*O museu deve ir para além de suas portas e interferir, ideologicamente, na percepção que a população tem de si mesma, da cultura que produz no seu cotidiano para que, assim consciente, possa exercer com plenitude a cidadania (TAVARES, 2005, p.49).*

Estas concepções se refletem no imaginário pessoal e coletivo. Observar o imaginário estudantil através da pesquisa “Imagens do Museu” fornece subsídios para levantar debates sobre a percepção social do papel das instituições museológicas e suas potencialidades na contemporaneidade, além de apontamentos do que a coletividade espera deste instrumento de cidadania.

## 4 “Imagens dos Museus”

Dos 109 desenhos realizados pelos estudantes, 74% dos adolescentes responderam que já tinham, em algum momento, visitado um museu, e 22% nunca tinham ido a qualquer museu (4% não responderam esse item do questionário); 58% pertencem ao sexo masculino e 41% ao sexo feminino. Dos estudantes que responderam já terem visitado um museu antes, 56% moram no Centro e Zona Sul e 44% moram na Zona Norte e Zona Oeste.

Com base nas reflexões acima e em pesquisas anteriores (STUDART, 2000, 2008), os desenhos dos estudantes foram classificados em sete (07) categorias, organizadas em sentidos que agregassem conceitos comuns, esquematizando quatorze (14) subcategorias, descritas abaixo<sup>8</sup>. As categorias encontradas estimulam ricas leituras do imaginário juvenil sobre os museus, seja por meio de vivências e/ou apropriações coletivas.

- 1. Uso de linguagem escrita:** abrange todo e qualquer tipo de linguagem escrita encontrada no desenho (nome “museu”, nome de obras, opiniões, comentários). **Possui 02 subcategorias:** Citação de museu ou centro cultural e Opiniões e emoções.
- 2. Representação de objeto museológico:** representação de objetos/ acervos da instituição museal (quadros; estátuas; mobiliário; esqueleto; múmia). **Possui 01 subcategoria:** Tipologia do acervo.
- 3. Representação do espaço interno do museu:** abrange representações do interior do museu (exemplo: circuito expositivo, salas de exposição, recursos museográficos, elementos de proteção do acervo). **Possui 03 subcategorias:** Salas de exposição e recursos museográficos; Circuito expositivo; Elementos de proteção dos objetos.
- 4. Edifício/ território:** abarca representações arquitetônicas da instituição museal e seu entorno (edifício fechado, aberto, representação do museu como igreja/ templo, fortificação, casa, entorno e elementos monumentais). **Possui 08**

<sup>8</sup> Em um mesmo desenho podem estar presentes diversas categorias e subcategorias, por isso o “somatório das porcentagens” em muitos casos ultrapassa os 100%. Maiores informações sobre a pesquisa se encontram nos relatórios e memórias do desenvolvimento do trabalho, junto com os originais dos desenhos e redações, localizados no Instituto Brasileiro de Museus: Rua da Imprensa 16/701 - Centro - Rio de Janeiro. CEP. 20030-120.

**subcategorias:** Edifício fechado; Edifício aberto; Edifício e entorno; Edifício - Igreja/ Templo; Edifício - Fortificação; Edifício - Casa; Edifício monumental e Outras Edificações.

5. **Presença humana:** indicativos de representação humana nos desenhos.
6. **Representação Simbólica:** corresponde a desenhos de caráter simbólico (por exemplo, museu como “máquina do tempo”, representação de “olhos que vêem”, “caixa de surpresas”, entre outros).
7. **Outras representações:** desenhos que não apresentam relação com a pergunta proposta, “Como você vê o museu?” (exemplo: representação de figuras relativas a Copa do Mundo).

Apresentamos, abaixo, o resultado das análises:

#### 4.1 Uso de linguagem escrita

Mais da metade dos estudantes que realizaram desenhos (64%) utilizaram informações escritas para esclarecer ou reforçar idéias em suas representações. Conforme nos esclarece Penn:

*A imagem é sempre polissêmica ou ambígua. É por isso que a maioria das imagens está acompanhada de algum tipo de texto: o texto tira a ambigüidade da imagem [...], onde ambos, imagem e texto, contribuem para o sentido completo (PENN, 2002, p.322).*

Dessa forma, foi possível identificar algumas especificações, por escrito, da instituição representada no desenho, como por exemplo: “Museu Imperial”, “Museu Histórico”, “Museu de Belas Artes”, “Museu Aeroespacial”, “Centro Cultural Light”. A palavra “museu” é recorrente. A expressão “centro cultural” também aparece no imaginário jovem como sinônimo de museu, talvez porque segundo Sanches (2004, p.12) os centros culturais realizam uma importante democratização de suas atividades, buscando unir o lazer ao conhecimento em seus espaços (ver ilustrações 01 e 02).



Ilustração 01: Desenho digitalizado n. 071, de uma estudante, de 16 anos, do 9º ano da Escola Municipal Roberto Magno de Carvalho, moradora do bairro Todos os Santos, zona norte do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Escreveu no desenho: “Museu Imperial”.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

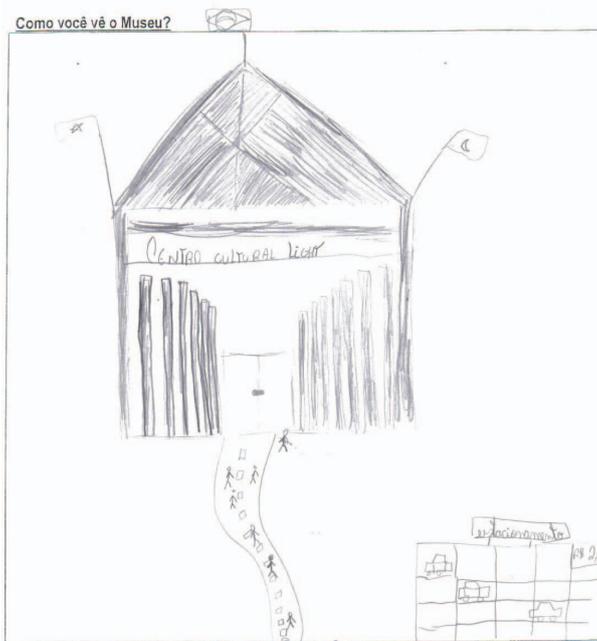


Ilustração 02: Desenho digitalizado n. 028, de um estudante, de 12 anos, do 7º ano da Escola Municipal Roberto Magno de Carvalho, moradora do bairro Pilares, zona norte do Rio de Janeiro; respondeu que nunca visitou um museu. Escreveu no desenho: “Centro Cultural Light”.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

Os desenhos que usaram a palavra escrita como elemento auxiliar chegam a aproximadamente 19% do total. Muitas inscrições foram expressas como balões de fala (semelhantes aos de história em quadrinhos) ou em frases soltas, do tipo: “Puxa, esse museu pode me mostrar várias coisas que eu não tive oportunidade de ver! Aqui o pensamento é esse”; “Adoro museu é um máximo”; “Eu acho que o museu é muito interessante e bastante criativo”; “O museu é uma porta entre o passado e o futuro”; “Depende do Museu, Diferente, Tédio, Interesse, Eu vejo de vários modos”; outros fizeram referência a sinalização de partes do acervo (“estátua”, “quadros”), da exposição, de elementos museográficos e de informações como “entrada”, “saída”, “banheiro”, “lanches” (ver ilustrações 03, 04 e 05). Estas palavras reforçam conceitos concebidos pelos desenhos. As frases podem ser analisadas como juízos de valor, opiniões que os desenhos não dão conta de especificar. Já os desenhos com termos relacionados à organização dos museus e das exposições apontam uma percepção voltada para a normatização e ritualismo, evidenciando circuitos e “proibições” marcantes nestes espaços, como o famoso “não toque”:



Ilustração 03: Desenho digitalizado n. 113, de um estudante, de 12 anos, do 6º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do Centro da cidade do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Texto no balão: (Criança) “Puxa, esse museu pode mostrar várias coisas que eu não tive a oportunidade de ver”. (Adulto) “Aqui o pensamento é esse...”  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

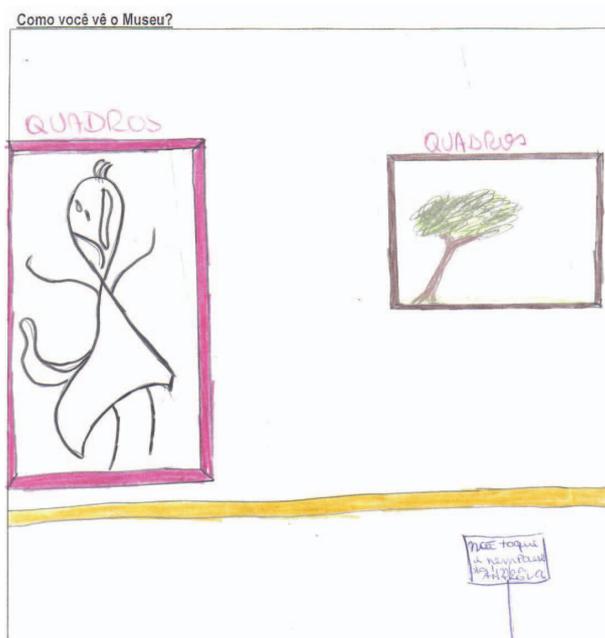


Ilustração 04: Desenho digitalizado n. 058, de um estudante, de 12 anos, do 7º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do bairro Catete, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu.. Palavras: “Quadros”, “Quadros”. Frase na placa: “Não toque nem passe da linha amarela”  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

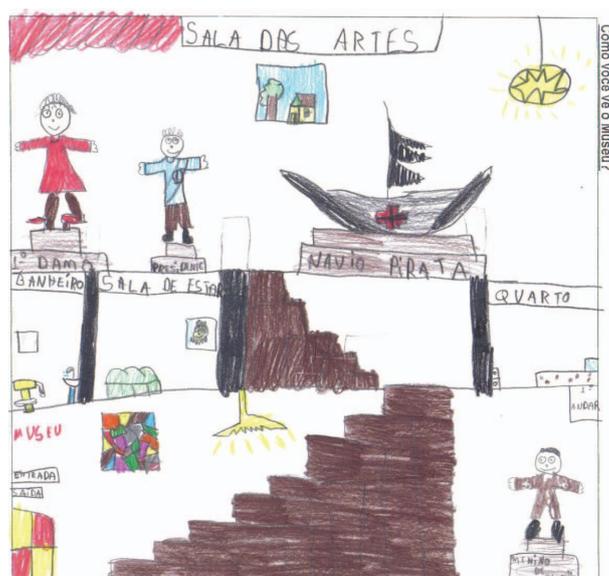


Ilustração 05: Desenho digitalizado n. 054, de um estudante, de 12 anos, do 7º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do bairro Catete, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Palavras: “sala das artes”, “navio pirata”, “1ª. Dama”, “Presidente”, “Menino de Rua”, “Banheiro”, “Sala de estar”, “Quarto”, “Museu”, “Entrada”, “Saída”, “1º andar”  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

## 4.2 Representação de objeto museológico

Outro aspecto de destaque foram as representações de objetos museológicos, testemunhos da cultura material e imaterial, que foram identificados em 58% dos desenhos. Esse indicativo em mais da metade dos desenhos dos estudantes pode ser associado ao reconhecimento dos museus como guardiões de objetos. Esta categoria é observada em 53 desenhos de estudantes que responderam que já visitaram um museu, e apenas 09 dos que nunca o visitaram, fato compreensível por não se ter um contato direto com a instituição.

A assiduidade da representação de objetos na contagem dos elementos presentes nos desenhos foi maior do que as representações de “espaço interno” (52%), “edifício/ território”

(47%), representações da “presença humana” (28%), ou quaisquer outros elementos. Os objetos mais representados foram os de história e arte, fato interessante ao cruzar com informações obtidas nas pesquisas de Cazelli e Franco (2006, p. 77), pois estes enfatizam que os museus de ciência e tecnologia são os mais visitados pelos alunos em comparação com as instituições de outras temáticas. Dois desenhos que se referiram especificamente a obras de arte bastante famosas se destacam: Monalisa (ilustração 06) e O Abapuru (ilustração 07).



Ilustração 06: Desenho digitalizado n. 062, de um estudante, de 13 anos, do 8º ano da Escola Municipal Minas Gerais, morador do bairro Glória, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).



Ilustração 07: Desenho digitalizado n. 0104, de um estudante, de 13 anos, do 6º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, moradora do bairro de Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro; respondeu que nunca visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

### 4.3 Representação do Espaço Interno

Esta categoria apareceu em 52% dos desenhos. Das representações do espaço interno do museu foram identificados três tipos de subcategorias: “salas de exposição e recursos museográficos”; “circuito expositivo” e “elementos de proteção dos objetos”.

Quatro por cento estudantes que “não visitaram um museu” realizaram desenhos com a representação interna destes espaços. Considerando que, nestes casos, estas representações não têm como ponto de partida uma experiência concreta de visita a um museu, mas sim a capacidade imaginativa dos estudantes - podendo ter recebido influência de recursos midiáticos - essas representações ganham uma dimensão muito especial e merecem nossa atenção (ver ilustrações 08 e 09).

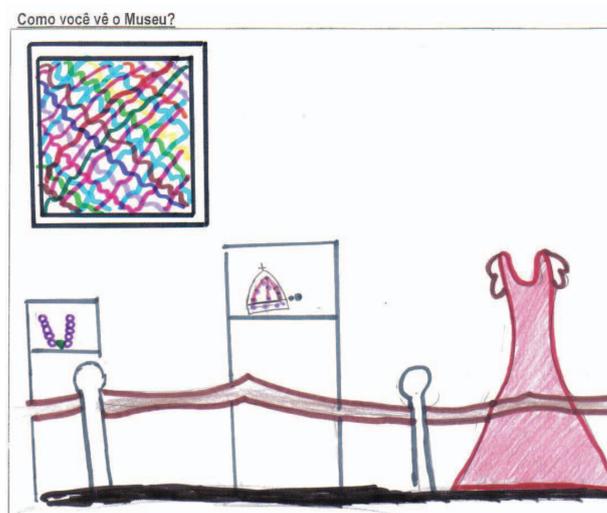


Ilustração 08: Desenho digitalizado n. 059, de uma estudante, de 13 anos, do 8º ano da Escola Municipal Minas Gerais, moradora do bairro Glória, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).



Ilustração 09: Desenho digitalizado n. 049, de um estudante, 12 anos, do 7º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

#### 4.4 Edifício-Território

Cerca de metade dos estudantes (47%) conceberam o prédio e o território como característica capaz de resumir sua imagem dos museus. Nos desenhos que expressam sua percepção através da arquitetura, o prédio ou fachada do museu em muitos casos assemelham-se a casas, fortificações, castelos e igrejas/ templos (ver ilustrações 10 e 11).

Detalhes relacionados à arquitetura ocorridos em diversos desenhos merecem

destaque. Alguns registros revelam o museu como um bloco, com janelas e portas fechadas onde o observador não percebe ligação com o interior nem representação de figura humana (subcategoria Edifício Fechado), somente evidenciando a fachada, foram bastante frequentes (57% - ver ilustração 12). Todavia 41% dos estudantes tiveram a preocupação de reproduzir os museus como espaços abertos e articulados, mostrando algum indício do seu espaço interno através de portas ou janelas abertas, ou por paredes “transparentes” (subcategoria Edifício Aberto - ver ilustração 13). Em alguns desenhos as dimensões das edificações foram exageradas, mostrando o aspecto monumental dos prédios ou de seus elementos. Esse rompimento com as regras da proporcionalidade sugere que, no imaginário dos estudantes, os museus ocupam (ou são) espaços imponentes, palacianos e suntuosos, tanto do ponto de vista histórico, quanto do estético ou de uma arquitetura grandiosa e monumental (ver ilustração 14). Representações de jardim e estacionamento foram inseridas na subcategoria “Entorno”, na qual 35% dos desenhos apresentaram tais evidências.



Ilustração 10: Subcategoria Edifício-fortificação/castelo: Desenho digitalizado n. 090, de uma estudante, de 13 anos, do 6º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, moradora da rua do Cauchos; respondeu que nunca visitou um museu.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

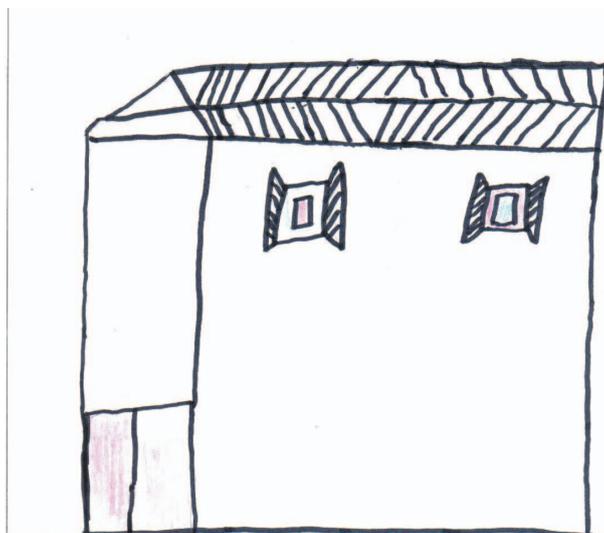


Ilustração 11: Subcategoria Edifício-casa: Desenho digitalizado n. 097, de um estudante, 13 anos, do 6º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, morador do bairro Largo do Aarão/ Santa Cruz; respondeu que nunca visitou um museu.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

Como você vê o Museu?



Ilustração 12: Subcategoria Edifício-fechado: Desenho digitalizado n. 039, de um estudante, de 13 anos, do 7º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que nunca visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

Como você vê o Museu?



Ilustração 13: Subcategoria Edifício-aberto: Desenho digitalizado n. 036, de um estudante, de 11 anos, do 7º ano da Escola Municipal Engenheiro Roberto Magno de Carvalho, morador do bairro Abolição, zona norte do Rio de Janeiro e respondeu que já visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008)..



Ilustração 14: Subcategoria Edifício Monumental: Desenho digitalizado n. 019, de estudante do 7º ano da E. M. E. M. Engenheiro Roberto Magno de Carvalho, 13 anos, morador do bairro Pilares, zona norte do Rio de Janeiro, respondeu que já visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

#### 4.5 Representação de Presença Humana (visitantes/freqüentadores)

A representação de freqüentadores de museus apareceu em 28% dos desenhos. Essa representação indica a presença da vida e sugere que o museu não é um mausoléu ou uma casa sem uso, mas um espaço de relações. Esta categoria fornece também subsídios para a compreensão do lugar em que o estudante se vê no espaço museal e do lugar dos outros freqüentadores no imaginário dos estudantes.

Entre os desenhos dessa categoria (assim como em outras), o número de jovens que visitou museus foi maior do que o número daqueles que nunca visitou. Os desenhos indicam que a experiência museal, que se realiza na visita, tem um papel fundamental no entendimento do museu como um espaço de relação, encontro, convivência, encantamento, descoberta, deslumbramento e sonhos, que só se completa com a presença humana (ver ilustrações 15 e 16).

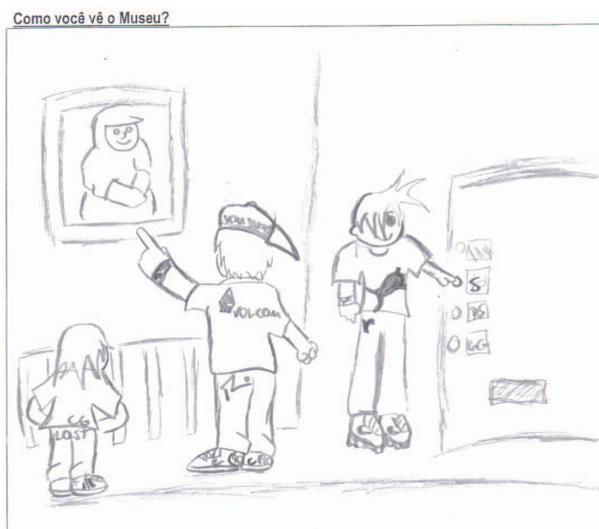


Ilustração 15: Desenho digitalizado n. 083, de um estudante, de 14 anos, do 9º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, morador do bairro Palmares/ Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu.  
Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

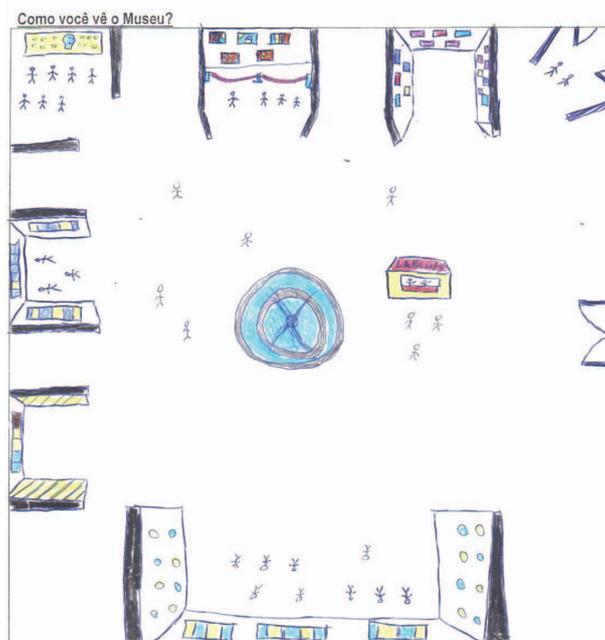


Ilustração 16: Desenho digitalizado n. 046, de uma estudante, de 12 anos, do 6º ano do Colégio Imaculada da Conceição, morador do bairro Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu.  
 Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

#### 4.6 Representação Simbólica

Com relação aos desenhos de caráter simbólico, 14% das representações de imagens dos museus se encaixam nesse perfil. Símbolos, alegorias e metáforas estão presentes nos museus e sugerem as idéias de caixa de surpresas (ilustração 17), máquina do tempo (ilustração 18), mostrando a relação no museu entre o passado e o futuro, e olhos que observam e vêem tudo (ilustração 17).

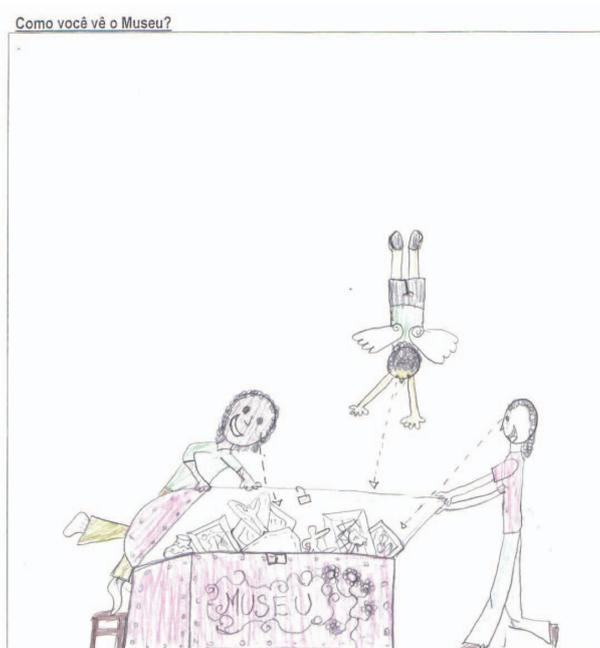


Ilustração 17: Desenho digitalizado n. 009, de uma estudante, de 10 anos, do 6º ano do Colégio Imaculada da Conceição, moradora do bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro; respondeu que nunca visitou um museu.  
 Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).



Ilustração 18: Desenho digitalizado n. 079, de uma estudante, de 14 anos, do 9º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, moradora do bairro Sepetiba, zona oeste do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

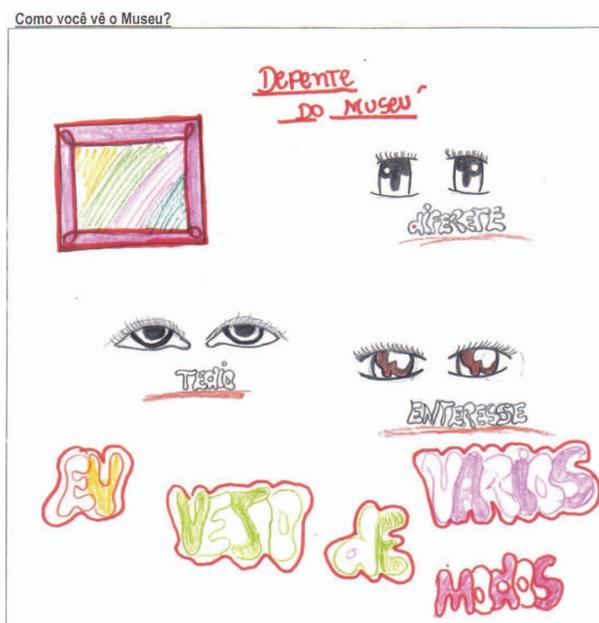


Ilustração 19: Desenho digitalizado n. 080, de uma estudante, de 14 anos, do 9º ano da Escola Municipal Fernando de Azevedo, moradora do bairro Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro; respondeu que já visitou um museu. Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (2006-2008).

## 5 Considerações finais

De acordo com pesquisas diversas, jovens estudantes, em geral, chegam aos museus por meio da família (Stuart, 2000) e da escola (Cazelli, 2005).

Segundo Cazelli e Franco (2006, p.78) o percentual de jovens que visitam museus com a “família” é maior na rede de escolas particulares do que na rede pública municipal. No entanto, a pesquisa demonstra que a escola pública é responsável por 41% das visitas a museus por meio da rede municipal. Conclui-se, portanto, que para os alunos da rede municipal, a escola é muito importante não só para promover o acesso, mais para garantir um número maior de museus visitados. Já com relação aos alunos da rede privada é a família que atua de forma mais marcante.

Ainda no artigo de Cazelli e Franco (2006, p.71), ao apresentarem o retrato da distribuição de equipamentos culturais associados à expressão da cultura cultivada na cidade do Rio de Janeiro, os autores enfatizam que este Estado ainda não conseguiu dar acesso à cultura de maneira equânime aos seus habitantes. Baseados em dados levantados pela pesquisa de Informações Básicas Municipais (IBGE, 2001), os mesmos autores demonstram que os museus, centros culturais, cinemas e bibliotecas “estão quase todos, [localizados] no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra - áreas de maior poder aquisitivo”.

Visto que a presente pesquisa foi desenvolvida em três escolas da rede municipal (localizadas na zona sul, zona norte e zona oeste) e uma escola da rede particular (localizada na zona sul), acredita-se que a pouca diferença do percentual de alunos que já visitaram museus com relação ao local onde moram, tem, com certeza, afinidades com a importância da escola na promoção do acesso aos museus.

Mas, tanto a família como a escola são agentes fundamentais no processo de aproximação de jovens com espaços de cultura, promovendo não só o acesso, mas o estímulo à apropriação destes dispositivos; as imagens dos estudantes que já visitaram o museu perpassam estas vivências. Já os que ainda não tiveram oportunidade de ir a uma instituição museal explicitam a expectativa de ter o apoio destes agentes para a realização desta experiência:

*[O museu é] Muito bom, Ótimo apesar de nunca te ido minha mãe tem tempo para me levar e nos sábados e Domingos não têm paciência para me levar para ver o museu, gostaria muito de ter sido escolhida na escola para ir ao museu mas não fui porque foi muita poucas pessoas e teve muitas pessoas que foram escolhidas e não aproveitaram a oportunidade de ir ao museu mais paciência nué quem sabe um dia eu não vá, e se eu for um dia não vou querer parar de ir eu acho que será ótimo fim [sic]<sup>9</sup>.*

Independente dos participantes da pesquisa terem ou não visitado um museu, a análise do material sugere que, na percepção dos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do Rio de Janeiro, na faixa etária de 10 a 18 anos, o museu é um espaço que interliga passado, presente e futuro e que atua como guardião da arte, do patrimônio, da memória, da ciência, da cultura.

Como foi descrito neste artigo, 07 (sete) categorias destacaram-se na análise da percepção do museu pelos estudantes que se expressaram por meio de desenhos: Edifício/Território, Representação do espaço interno do museu, Representação de objeto museológico, Presença humana, Uso de linguagem escrita, Representação Simbólica e Outras representações.

O conjunto dos desenhos expressa uma imagem de museu como local de aprendizagem, de lazer e turismo. A análise das categorias indica que as imagens que aparecem com destaque no imaginário dos jovens são percepções e sensações positivas da instituição museal - um ambiente “bonito, espetacular” - que possibilita um aprendizado ao se ter contato com diferentes objetos da sociedade; pode-se sugerir que os participantes estão abertos a visitar museus para participar de suas atividades, sejam educativas ou de lazer. No entanto, comparando as análises dos desenhos de estudantes que já visitaram museus e os que nunca visitaram, nota-se que aqueles que nunca visitaram museus parecem “idealizá-lo”, manifestando representações associadas à idéia de um passado remoto: castelos, esqueletos de dinossauros, múmias e elementos associados, associadas a expressões como “lindo” e “maravilhoso”.

Os resultados indicam que, na concepção dos estudantes em questão, o museu surge como uma importante e indispensável instituição para a sociedade. Foi interessante perceber que alguns dos adolescentes que participaram do estudo citaram o desejo de que essas instituições sejam duradouras e permanentes, a fim de que certas experiências lá vividas sejam perpetuadas e passadas adiante, por meio de frases tais como: “O museu para mim é um outro mundo” e “O museu é uma porta entre o passado e o futuro”. É possível perceber também nestes desenhos a essência do trabalho museológico: salvaguardar o conhecimento produzido pelo homem, ser portador de sua trajetória cultural e um meio de comunicação, expressão e reflexão sobre a atividade humana.

Conhecer os diferentes públicos do museu e suas demandas é extremamente necessário para os estudos museológicos, pois trabalhos desta natureza possibilitam

<sup>9</sup> Trecho de redação de uma estudante de 12 anos, do 7º ano da Escola Municipal Roberto Magno de Carvalho, moradora do bairro Abolição, zona norte do Rio de Janeiro. A redação refere-se à pergunta “Como você vê o museu?”. A forma original da redação foi respeitada.

analisar museu enquanto ferramenta, instrumento ou agente transformador (formação do sentimento de pertencimento, valorização do patrimônio).

Intensificar estratégias já elaboradas e formular novas medidas se torna emergencial numa sociedade que ainda possui altos percentuais de pessoas excluídas ao amplo acesso à educação e à cultura, ainda mais quando se percebe - por meio de pesquisas como esta - que os jovens que nunca visitaram algum tipo de museu, demonstram que sentem uma necessidade de conhecê-lo, dialogar, interagir e aprender nestes ambientes, diferentes do ambiente do ensino formal. Portanto, cabe a nós, profissionais da área, a aproximação e melhor compreensão de quem visita as instituições museológicas, para que se possa explorar todo o potencial social dos museus brasileiros. ■

---

## Referências

ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. **Museus e Público Jovem: Olhar o Fundo da Caixa de Pandora**. *Revista Museu - cultura levada a sério*, 2006. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=9094>. Acesso em: Março de 2010.

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. São Paulo: Cortez, 1990. 181p.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro e VANIFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAGAS, Mário de Souza. *Museu: coisa velha, coisa antiga*. Rio de Janeiro: Unirio, 1987.

CHAGAS, Mário de Souza. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1994.

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade*. Chapecó: Argos, 2007.

CHAGAS, Mário de Souza. *A Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Minc/Ibram, 2009.

CHAGAS, Mário de Souza; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; ENEILE, Morgana ; SOARES, Newton Fabiano; STUDART, Denise Coelho. Imagens do Museu: Percepção de Estudantes do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental do Estado do Rio de Janeiro. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 41, p. 255-270, 2009.

CAZELLI, Sibebe. *Ciência, cultura, museus, jovens e escola: quais as relações?* 2005. 260 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CAZELLI, Sibebe & FRANCO, Creso. O perfil das escolas que promovem o acesso dos jovens a museus. *Revista Brasileira de Museus e Museologia (Revista Musas)*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n.2, 2006. p. 69-80.

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. *Revista CPC - Centro de Preservação Patrimonial*, São Paulo, n°3, nov. 2006/abr. 2007. Disponível em: <[www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n3/a05n3.pdf](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n3/a05n3.pdf)>. Acesso em: Julho/ 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Pesquisa imagem dos museus*. Rio de Janeiro, 2006-2008.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PENN, Gemma. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.319-342.

POLÍTICA *Nacional de Museus - memória e cidadania*. Brasília, DF: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2003.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que Falam - Leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003. 144p.

SANCHES, Olívia. *O museu e a população*. 2004. Trabalho de conclusão de curso (Especialização Lato-sensu) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: [http://museologia.incubadora.fapesp.br/portal/acervo/alunos\\_2004/olivia/museu](http://museologia.incubadora.fapesp.br/portal/acervo/alunos_2004/olivia/museu). Acesso em: 16 abr. 2008

STUDART, Denise Coelho; ALMEIDA, Adriana Mortara & VALENTE, Maria Esther. Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M. e LEAL, M.C. (org). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Ed. Access, 2003. p.129-157.

STUDART, Denise Coelho. *The Perceptions and Behaviour of Children and Families in Child-Orientated Museum Exhibitions*. Tese (Doutorado em *Museum Studies*). University College London. Londres, 2000.

STUDART, Denise Coelho. Conhecendo a experiência museal das crianças por meio de desenhos. In: MASSARANI, Luisa. (Org.). *Ciência e Criança. A divulgação científica para o público infante-juvenil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

TAVARES, Regina Márcia Moura. Ideologia, Atuação Museológica e Desenvolvimento Latino-Americano. In: SCHEINER, Tereza (org.). *Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005, p.47-49. (Caderno de Texto 01).

VALENTE, Maria Esther, CAZELLI, Sibebe. e ALVES, Fátima: Museus, ciência e educação: novos desafios. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

Recebido em: 29.04.2010

Aceito em: 28.08.2010